



GT – 18: “Produção Imobiliária, segregação socioespacial e insegurança urbana

Segregação socioespacial racial e econômica no Município do Rio de Janeiro em 2010

Alexandre Barreiros Martins
Escola Nacional de Ciências Estatística:
alexandrebmartins93@gmail.com

Julia Celia Mercedes Strauch
Escola Nacional de Ciências Estatística
Universidade Federal Fluminense
juliastrauch@id.uff.br

Ana Paula Vasconcelos Gonçalves
Universidade Federal de Minas Gerais
anapaulavg@ufmg.br

RESUMO:

A segregação socioespacial é um fenômeno que está presente no município do Rio de Janeiro, ampliando as desigualdades. O objetivo desta pesquisa é compreender o padrão de segregação racial e econômica através da análise exploratória espacial e da confecção do índice de similaridade decompostos intrabairros, utilizando os dados do Censo demográfico de 2010. Os resultados mostram que a segregação racial nos bairros próximos as praias é mais intensa do que nas demais localidades da cidade e que as pessoas brancas são mais segregadas através do fenômeno da autosegregação e da segregação voluntária. As pessoas negras vivem em áreas mais pobres, como bairros da zona oeste por necessidade, ou seja, segregação involuntária. A cidade do Rio de Janeiro apresentava em 2010 diferenças relevantes em relação à raça e renda, onde os habitantes têm características diversas dependendo do local onde reside e o nível de vida

Palavras-chave: índice de dissimilaridade, desigualdade, análise exploratória.

1. INTRODUÇÃO

A segregação pode ser entendida como a diferenciação de grupos sociais, raciais ou técnicos em uma determinada unidade de análise (MASSEY E DENTON, 1988). As pesquisas sobre segregação tiveram início no começo do século XX com o surgimento da Escola de Chicago nos Estados Unidos, cujos pesquisadores estavam interessados em entender as desigualdades ocorridas em função da crescente urbanização. As leis segregacionistas da época ampliaram a diferenciação no acesso ao espaço urbano reforçando a segregação socioespacial. Por isso, a segregação racial foi e ainda é amplamente estudada e em alguns locais ainda apresenta padrões elevados. Devido a essas questões, Sabatini (2006) e Oberti e Preteceille (2016) afirmam que a variável cor/raça é mais empregada para estudar segregação nos Estados Unidos. Todavia, nos países latino-americanos, diante das desigualdades, a variável renda é mais usada para mensurar tal fenômeno. Por isso, é interessante usar as duas categorias em questão nas pesquisas realizadas no Brasil.

Telles (1992) demonstra a presença de segregação racial no Brasil, porém menos intensa do que vista nos Estados Unidos. Com o objetivo de analisar a segregação residencial por renda e raça em escala nacional no Brasil, Sousa Filho *et al.* (2023) utilizaram dados dos setores censitários urbanos do Censo 2010 para executar o índice de Dissimilaridade e concluíram que as cidades das regiões Sul e Sudeste apresentaram os maiores índices e a população mais afetada é a negra e de baixa renda.

Marques e França (2020) demonstram a estrutura da segregação racial e de classe em São Paulo. Eles concluíram que as pessoas brancas mais ricas estão mais concentradas na região central de São Paulo, enquanto as pessoas negras e pobres nas periferias. França (2022) ao comparar São Paulo, Salvador e Fortaleza, demonstrou que nas duas primeiras cidades há um padrão de segregação articulado entre raça e classe com suas diferenças espaciais. Já em Fortaleza a segregação por classe é mais evidente.

No caso do Rio de Janeiro, a segregação racial também aparece relacionada com padrões de renda como visto por Garcia (2006). Os bairros mais valorizados são onde existe a maior concentração de população branca, assim como também tem as melhores condições de moradia, enquanto os bairros mais pobres e que proporcionam condições piores de vida, são onde se concentra a maior parcela da população negra. Reforçando uma hierarquia racial na cidade.

Cabe destacar que a história da formação do Município do Rio de Janeiro é marcada pelas desigualdades sociais que impactam no lugar de moradia os indivíduos residentes e também os migrantes, que vierem buscar melhores condições de vida na cidade (LESSA, 2001). No início do Século XX, as reformas estruturais higienistas iniciadas pelo prefeito Barata Ribeiro, e intensificadas na gestão Pereira Passos, foram essenciais para o aprofundamento da segregação socioespacial. Estas reformas promoveram a remoção das populações mais pobres, residentes nas regiões centrais e estratégicas para o mercado imobiliário, para bairros suburbanos ou para as favelas localizadas em morros de difícil acesso (DA SILVA OLIVEIRA, 2019).

Segundo Dos Santos (2021), o município do Rio de Janeiro é a 14ª cidade com maior índice de segregação socioespacial no país, fazendo com que sua população conviva com a degradação da infraestrutura dos serviços de saneamento básico e com uma situação de vulnerabilidade econômica e social. Desta forma, este trabalho desenvolve uma análise sobre o padrão de segregação socioespacial no município do Rio de Janeiro para o ano de 2010. Os conceitos de segregação forçada e autosegregação apresentados por Correa (1989) nortearam as análises efetuadas, sob a ideia de que “existem duas ou diversas cidades dentro da cidade” (SANTOS, 1981, p.173).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para identificar e analisar, do ponto de vista residencial, os principais padrões de segregação socioespacial do município do Rio de Janeiro foram usados os dados dos agregados por setores censitários do Censo Demográfico de 2010, pois estas informações ainda não estão disponíveis para o Censo Demográfico de 2022. As variáveis utilizadas no trabalho, descritas na Tabela 1, visam atender as necessidades analíticas do trabalho de forma a localizar as áreas onde se concentram perfis demográficos homogêneos em níveis de renda e raça da população. Assim é efetuada uma análise exploratória destas variáveis para o ano de 2010, adquiridas ao nível de setor censitário.

Tabela 1 – Variáveis do Censo 2010 selecionadas.

Variáveis selecionadas	Fonte
Proporção de Pardos	Censo demográfico de 2010 - IBGE
Proporção de pretos	Censo demográfico de 2010 - IBGE
Proporção de brancos	Censo demográfico de 2010 -IBGE
Proporção de responsáveis que recebem entre meio e 1 salário-mínimo	Censo demográfico de 2010 - IBGE
Proporção de responsáveis que recebem entre 1 e 2 salários-mínimos	Censo demográfico de 2010 - IBGE
Proporção de responsáveis que recebem entre 2 e 3 salários-mínimos	Censo demográfico de 2010 - IBGE

Proporção de responsáveis que recebem entre 3 e 5 salários-mínimos	Censo demográfico de 2010 - IBGE
Proporção de responsáveis que recebem mais de 10 salários-mínimos	Censo demográfico de 2010 - IBGE

O índice de segregação selecionado para efetuar a análise é uma proposta de Feitosa *et al.* (2007): o índice de dissimilaridade. Estes autores adaptaram o índice de Dissimilaridade, proposto por Duncan e Duncan (1955), que não levava em conta as configurações espaciais das áreas de análise. Feitosa *et al.* (2007) propôs calcular a proporção entre a composição populacional das áreas e a população total. Este índice assume valores entre 0 e 1, onde quanto mais próximo de 0 é similar e quanto mais próximo de 1 é dissimilar e é calculado pela expressão (1).

$$ID = \frac{1}{2} \sum_{i=1}^n \left| \frac{x_i}{X} - \frac{y_i}{Y} \right| \quad (1)$$

Onde:

ID = Índice de Dissimilaridade;
 x_i é o total da população do grupo X na unidade
 X é o total da população no grupo X;
 y_i é o total da população do grupo Y na unidade i; e
 Y corresponde ao total da população do grupo Y

Para a confecção deste índice foi utilizado *plugin Segreg* no ambiente do Qgis e, posteriormente, foram feitas as representações cartográficas, através dos mapas temáticos. Segundo Fritz (2000), o objetivo da representação cartográfica consiste em fornecer uma representação dos fenômenos existentes sobre a superfície terrestre fazendo uso de uma simbologia específica. Assim, para fins de melhor entendimento, a representação cartográfica dos conjuntos de índices de Dissimilaridade, empregou cinco classes pelo método de quebras naturais e as classes foram normalizadas em cinco níveis: Baixa, Média baixa, Média, Média alta e Alta.

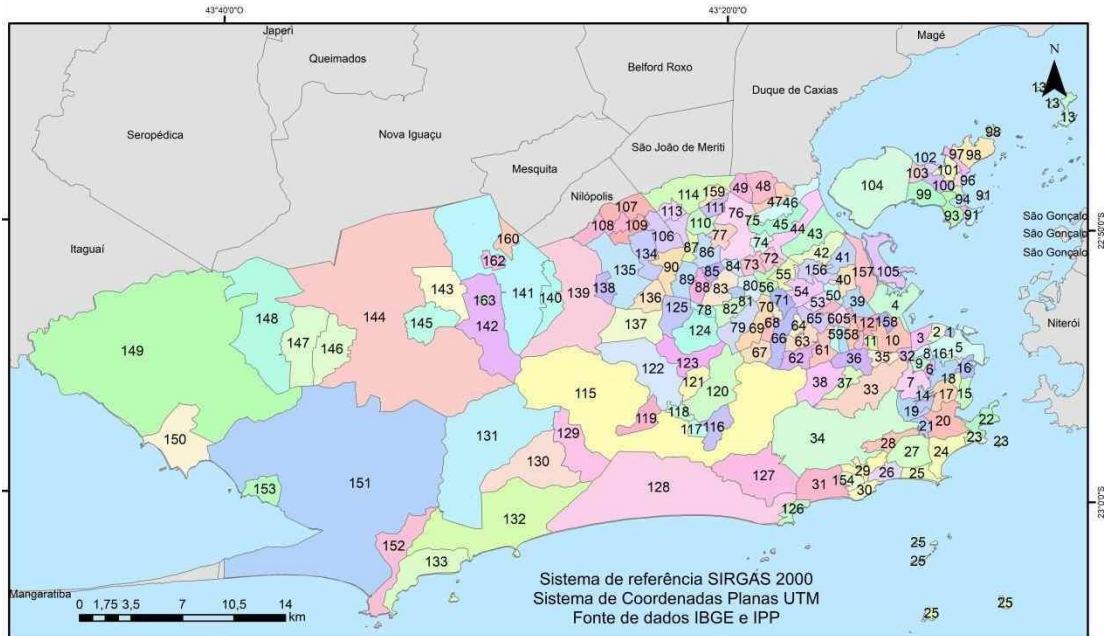
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município do Rio de Janeiro está localizado na região sudeste do Brasil no litoral do Estado homônimo entre o oeste da Baía de Guanabara e o leste da Baía de Sepetiba. Conta com uma área total de 1.200,329 km² e uma área urbana de 640,3365 km², além de uma densidade demográfica de 5.174,8 habitantes por km².

O município se destaca por ser o maior em população do Estado do Rio de Janeiro e o segundo maior do Brasil, com 6.211.423 de habitantes em 2022. Porém apresentou no Censo Demográfico de 2022 um decréscimo de 1,7% em relação ao ano de 2010, quando a população total era de 6.320.411 (IBGE, 2012; 2024). Atualmente apresenta 163 bairros,

conforme ilustrado na Figura 1, e 10.504 Setores Censitários em 2010 que recortam a cidade e formam o território administrativo da capital do Estado.

Figura 1 - Mapa de bairros do Rio de Janeiro.



Legenda				
Limite de Bairros				
□ Limite dos Bairros				
CODBAIRRO_ NOME				
1, Saúde	29, Gávea	57, São Francisco Xavier	85, Turiaçu	112, Barros Filho
2, Gamboa	30, Vidigal	58, Rocha	86, Rocha Miranda	113, Costa Barros
3, Santo Cristo	31, São Conrado	59, Riachuelo	87, Honório Gurgel	114, Pavuna
4, Caju	32, Praça da Bandeira	60, Sampaio	88, Osvaldo Cruz	115, Jacarepaguá
5, Centro	33, Tijuca	61, Engenho Novo	89, Bento Ribeiro	116, Anil
6, Catumbi	34, Alto da Boa Vista	62, Lins de Vasconcelos	90, Marechal Hermes	117, Gardênia Azul
7, Rio Comprido	35, Maracanã	63, Méier	91, Ribeira	118, Cidade de Deus
8, Cidade Nova	36, Vila Isabel	64, Todos os Santos	92, Zumbi	119, Curicica
9, Estácio	37, Andaraí	65, Cachambi	93, Caculá	120, Freguesia (Jacarepaguá)
10, São Cristóvão	38, Grajaú	66, Engenho de Dentro	94, Pitangueiras	121, Pechincha
11, Mangueira	39, Manguinhos	67, Água Santa	95, Praia da Bandeira	122, Taquara
12, Benfica	40, Bonsucesso	68, Encantado	96, Cocotá	123, Tanque
13, Paqueta	41, Ramos	69, Piedade	97, Bancários	124, Praça Seca
14, Santa Teresa	42, Olaria	70, Abolição	98, Freguesia (Ilha)	125, Vila Valqueire
15, Flamengo	43, Penha	71, Pilares	99, Jardim Guanabara	126, Joá
16, Glória	44, Penha Circular	72, Vila Kosmos	100, Jardim Carioca	127, Itanhangá
17, Laranjeiras	45, Brás de Pina	73, Vicente de Carvalho	101, Tauá	128, Barra da Tijuca
18, Catete	46, Cordovil	74, Vila da Penha	102, Moneró	129, Camorim
19, Cosme Velho	47, Parada de Lucas	75, Vista Alegre	103, Portuguesa	130, Vargem Pequena
20, Botafogo	48, Vigário Geral	76, Irajá	104, Galeão	131, Vargem Grande
21, Humaitá	49, Jardim América	77, Colégio	105, Cidade Universitária	132, Recreio dos Bandeirantes
22, Urca	50, Higienópolis	78, Campinho	106, Guadalupe	133, Grumari
23, Leme	51, Jacaré	79, Quinto Bocaiúva	107, Anchieta	134, Deodoro
24, Copacabana	52, Maria da Graça	80, Cavalcanti	108, Parque Anchieta	135, Vila Militar
25, Ipanema	53, Del Castilho	81, Engenheiro Leal	109, Ricardo de Albuquerque	136, Campo dos Afonsos
				137, Jardim Sulacap
				138, Magalhães Bastos
				139, Realengo
				140, Padre Miguel
				141, Bangu
				142, Senador Camará
				143, Santíssimo
				144, Campo Grande
				145, Senador Vasconcelos
				146, Inhoaíba
				147, Cosmos
				148, Paciência
				149, Santa Cruz
				150, Sepetiba
				151, Guaratiba
				152, Barra de Guaratiba
				153, Pedra de Guaratiba
				154, Rocinha
				155, Jacarezinho
				156, Complexo do Alemão
				157, Maré
				158, Vasco da Gama
				159, Parque Colúmbia
				160, Gericinó
				161, Lapa
				162, Vila Kennedy
				163, Jabour

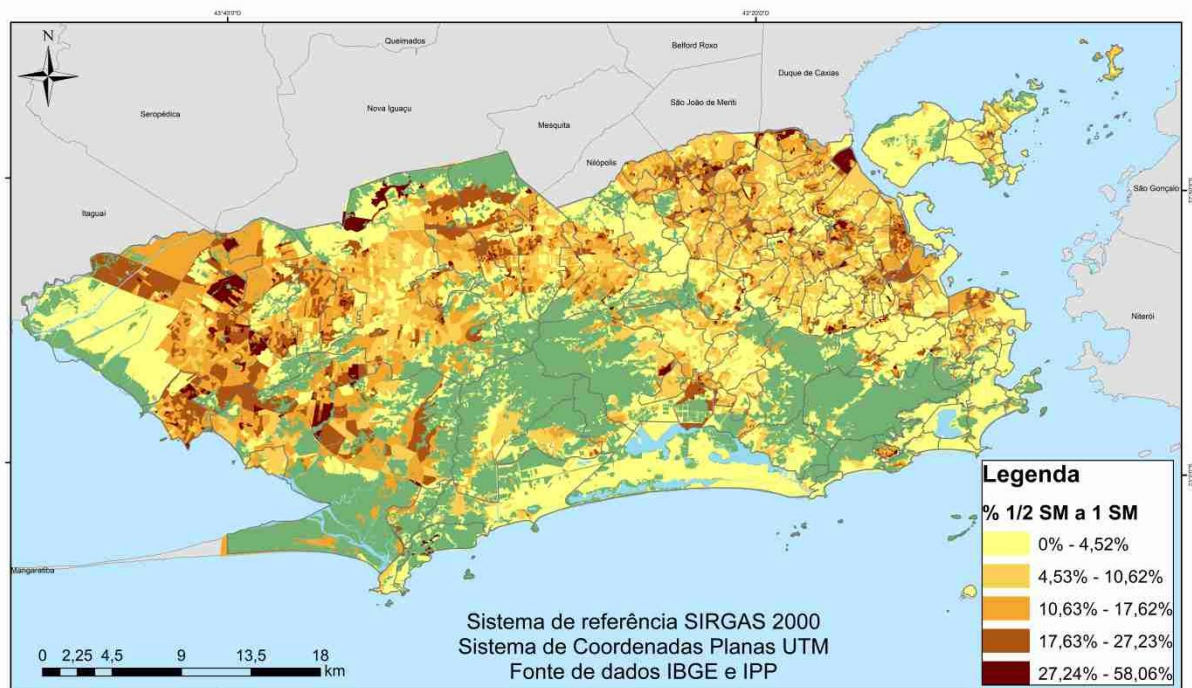
Análise exploratória de raça e renda

Os mapas ilustrados nas Figuras 2, 3, 4, 5, 6 e 7 comparam a distribuição da porcentagem por faixa de renda nos setores censitários e evidenciam uma desigual distribuição na cidade onde as populações que recebem até 5 salários-mínimos ocupam

majoritariamente o norte, oeste e nordeste da cidade, em 2010. Enquanto a população que recebe acima de 10 de salários-mínimos se distribuem no litoral sul, sudoeste e leste do município. Esta organização do município, relacionada com aspectos econômicos, pode ser explicada pela forma como o Rio de Janeiro foi ocupado. Com a reforma de Pereira Passos no início do século XX, as favelas do centro são desocupadas e seus moradores deslocados para lugares ao norte mais distantes do centro e sem infraestrutura (LESSA, 2001). Posteriormente as políticas de remoção implementadas também deslocaram a população mais pobre para zona norte e zona oeste, como por exemplo, a grande enchente que ocorreu em 1966 no Rio de Janeiro que culminou na formação da Cidade de Deus (SEDREZ E MAIA, 2014).

As pessoas mais pobres no Rio de Janeiro estão concentradas, principalmente na zona oeste e em menor intensidade nos bairros que fazem fronteira com Duque de Caxias e São João de Meriti. Santa Cruz, Penha Circular, Acari, Campo Grande, Maré, Paciência, Engenho Novo, Vila Isabel e Rocinha, de acordo com a Figura 2, são os únicos bairros que evidenciaram uma concentração de setores censitários com mais de 50% de responsáveis com rendimentos de até 1 salário-mínimo.

Figura 2 – Distribuição da porcentagem de pessoas que recebem entre meio e um salário-mínimo por setor censitário no município do Rio de Janeiro em 2010.



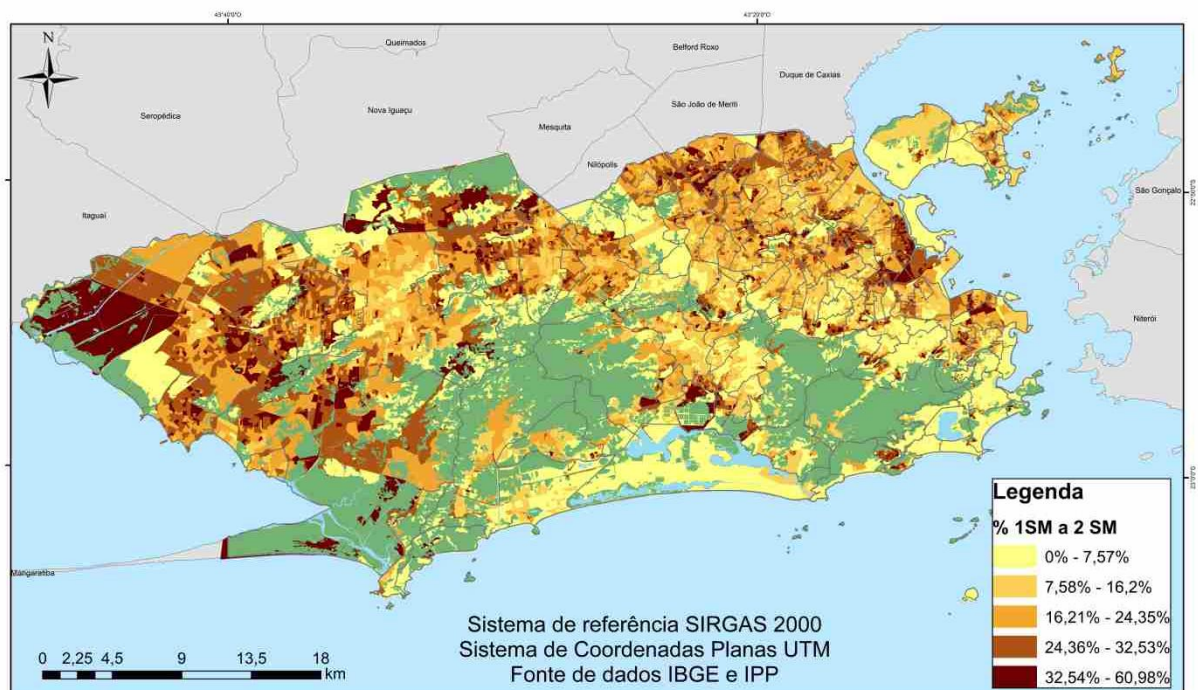
Fonte: IBGE (2010).

Cabe ressaltar que a diferença geográfica entre esses bairros reverbera em diferença no acesso aos bens e serviços de infraestrutura ofertados pelo Estado (CARVALHO *et al.*, 2019).

A Rocinha, embora apresente uma população pobre elevada, está localizada na Zona Sul do Rio de Janeiro ao lado de bairros de alta renda, como Gávea e São Conrado. A Maré está localizada às margens da Avenida Brasil, composta por um complexo de 16 comunidades com distintas características, inclusive com domínio de diferentes organizações criminosas no território (RIBEIRO *et al.*, 2022). Campo Grande e Santa Cruz são bairros muito extensos localizados na Zona Oeste, enquanto os demais estão na Zona Norte.

Analisando a Figura 3 é possível identificar que os bairros que concentram os setores censitários cuja população recebe entre 1 e 2 salários-mínimos. Dentre eles estão principalmente nos bairros de Cidade de Deus, Santa Cruz, Guaratiba, Inhaúma, Engenho de Dentro, Complexo do Alemão, Andaraí e Cosmos. O Complexo do Alemão também é uma favela que se destaca no Rio de Janeiro, também localizada na Zona Norte, mas apresenta uma população com renda um pouco mais elevada do que a Maré. Santa Cruz além de abrigar uma grande proporção de indivíduos com renda até um salário-mínimo também se destaca por ter muitos moradores com renda entre 1 e 2 salários-mínimos. Estes achados indicam a existência de segregação socioespacial de pessoas mais pobres.

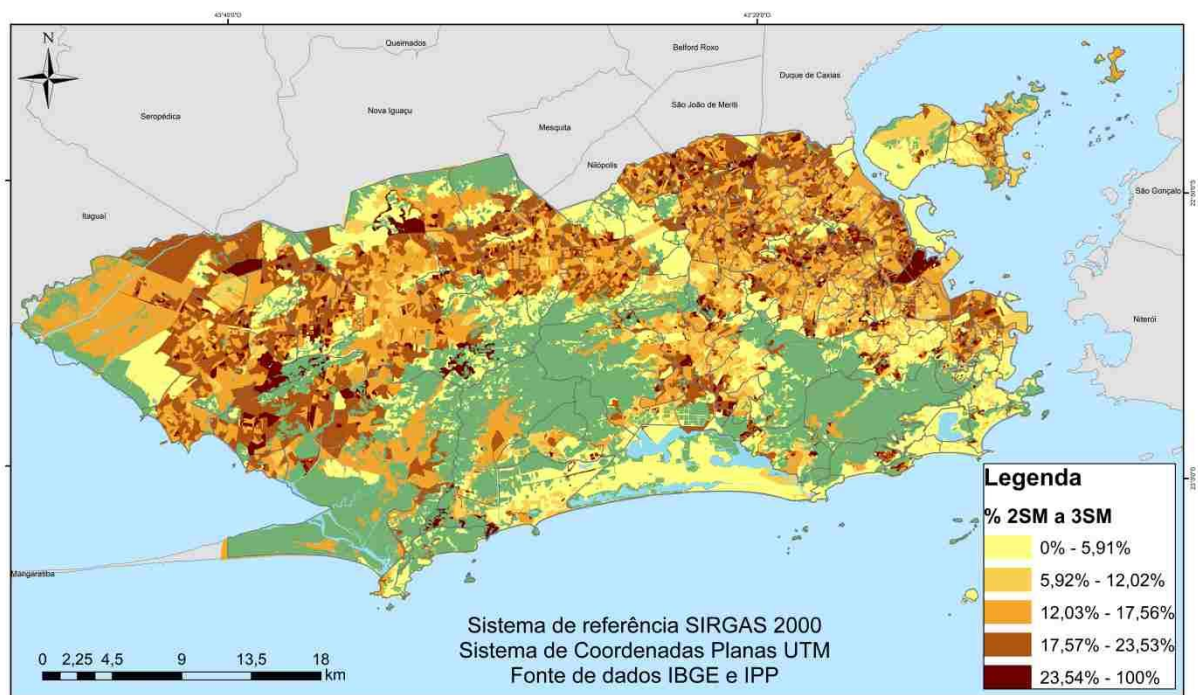
Figura 3 - Distribuição da porcentagem de e pessoas que recebem entre um e dois salários-mínimos por setor censitário no município do Rio de Janeiro em 2010.



Fonte: IBGE (2010).

A proporção de dos responsáveis por domicílios que recebem entre 2 e 3 salários-mínimos está mais espalhada pelo município do Rio de Janeiro, conforme visto na Figura 4. Chama a atenção a baixa porcentagem de domicílios com esta característica na orla do Rio de Janeiro, assim como os domicílios com rendimentos de até 1 salário-mínimo e de 2 a 3 salários-mínimos. Os bairros que destoam são a Rocinha e o Vidigal. Nota-se também, pequenos setores censitários na Zona Sul com maior proporção de domicílios com rendimentos até 3 salários-mínimos que são as favelas do Pavão-Pavãozinho, Tabajaras, Chácara do Céu, Costa Bastos e Dona Marta

Figura 4 - Distribuição da porcentagem de e pessoas que recebem entre dois e três salários-mínimos por setor censitário no município do Rio de Janeiro em 2010.



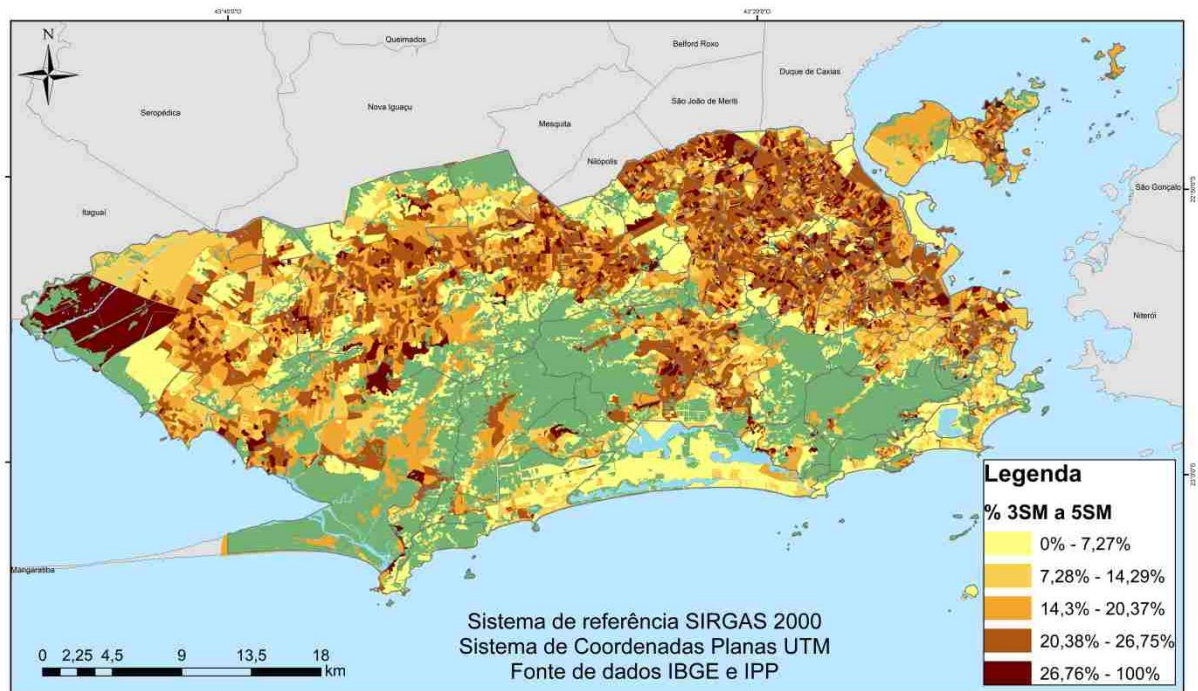
Fonte: IBGE (2010).

Os bairros do Centro, Campo Grande e Brás de Pina são os que apresentam maior concentração de setores censitários com população que recebe de 3 a 5 salários-mínimos. Cabe ressaltar que esta população se distribui por quase todo território da cidade, com exceção dos bairros como Barra da Tijuca, Joá, Leblon, Ipanema e Lagoa, conforme representado na Figura 5.

Ao mesmo tempo em que Campo Grande abriga uma grande quantidade de setores censitários com domicílios de até um salário-mínimo (Figura 2), também apresenta grande

número de setores censitários com domicílios com rendimentos mais elevados, entre 3 e 5 salários-mínimos. É um bairro que apresenta diversidade de renda, mas a localização dos domicílios varia dentro do bairro em função desta variável em questão.

Figura 5 - Distribuição da porcentagem de pessoas que recebem entre três e cinco salários-mínimos por setor censitário no município do Rio de Janeiro em 2010.

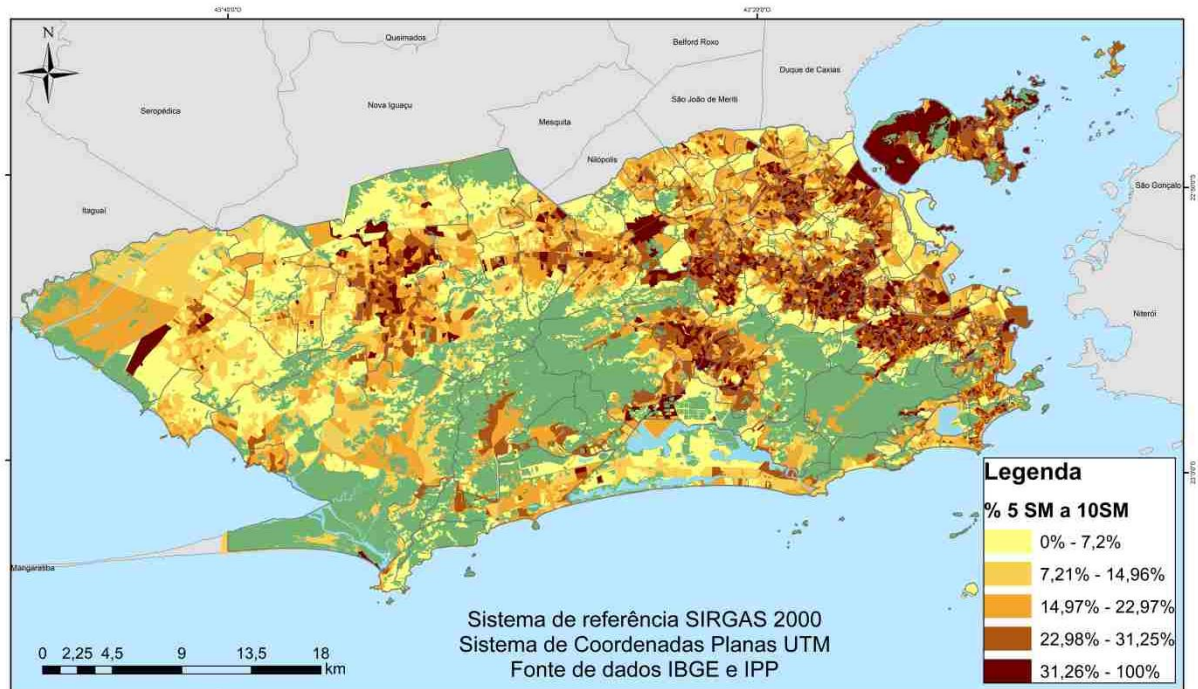


Fonte: IBGE (2010).

De acordo com a Figura 6 a distribuição dos domicílios com responsáveis que recebem de 5 a 10 salários-mínimos foi a mais peculiar, ocupando com certa representatividade, principalmente, todo o entorno da Floresta Ombrófila Densa ao leste da cidade. Aqui se destacam os bairros Vila Militar, Galeão e Campo dos Afonsos, na Zona Oeste, que apresentam rendimentos elevados, pois abrigam em seus territórios vilas militares. Santa Cruz também chama atenção, porque assim como Campo Grande, possui significativa quantidade de domicílios com rendimento baixo e rendimento elevado.

Nota-se também a maior predominância de domicílios com estas características nos bairros na região central, próximos do Aterro do Flamengo e nos bairros da Zona Norte, mais próximos do Centro, como Tijuca, Vila Isabel e Maracanã.

Figura 6 - Distribuição de pessoas que recebem entre cinco e dez salários-mínimos por setor censitário no município do Rio de Janeiro em 2010.



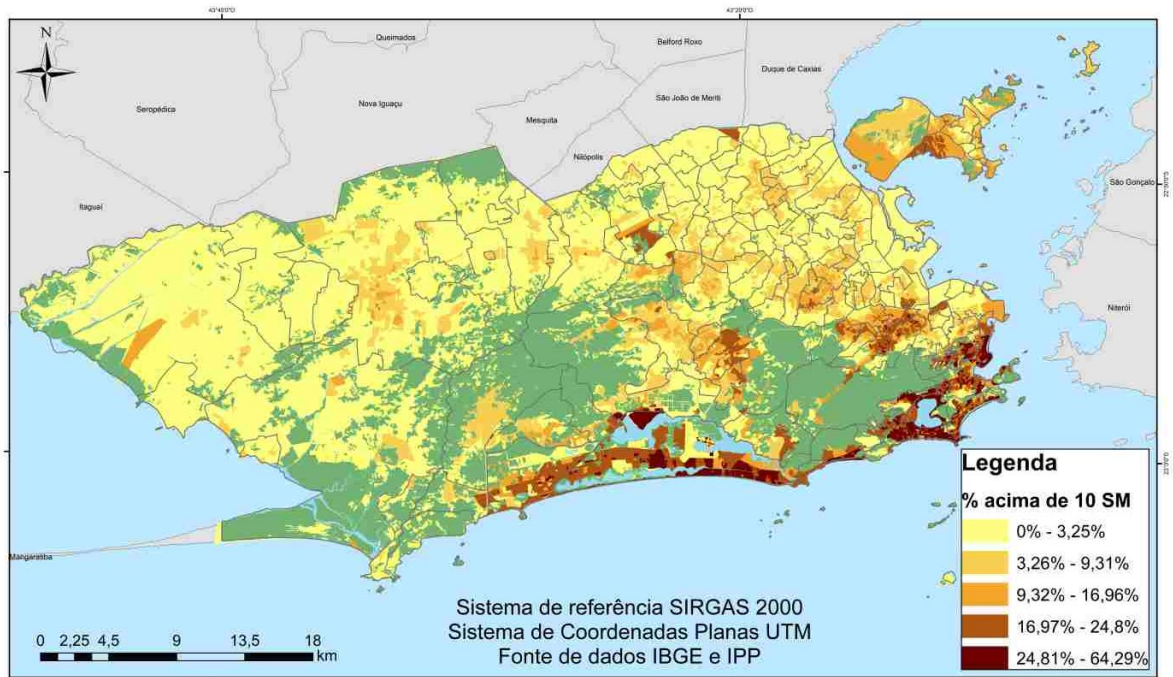
Fonte: IBGE (2010).

A Figura 7 indica que as pessoas mais ricas, ou seja, os domicílios com responsáveis com renda maior que 10 salários-mínimos, residem majoritariamente na Barra da Tijuca e bairros da Zona Sul, como Jardim Botânico, Leblon, Lagoa e Ipanema. Copacabana é um bairro mais heterogêneo em relação à renda, assim como a Tijuca, que está localizada na Zona Norte. A expansão da Barra da Tijuca é marcada por um plano de urbanização elaborado, nos anos de 1980, pelo arquiteto Lucio Costa. Esta nova organização do território mediada pelo Estado, incentivou a proliferação dos condomínios fechados (AGUEDA, 2020), cuja maior procura é de pessoas com poder aquisitivo elevado buscando viver próxima a praia em espaços seguros, que para Caldeira (2000), pode ser entendido como Enclaves Fortificados.

Em relação à distribuição espacial da população carioca por cor e ou raça, nota-se na Figura 8 que Santa Cruz, Bangu, Tijuca, Inhoaíba, Lins de Vasconcelos, Gericinó, Jacarepaguá, Vila Isabel, Paciência, Campo Grande, Senador Camará e Guaratiba são os bairros com maior proporção de setores com pardos, enquanto Barra da Tijuca, Leblon, Ipanema, Gávea, Copacabana e Lagoa, é o oposto, são os bairros que apresentaram setores em 2010 com menos de 2% de pardos. Os bairros com menor proporção de pardos também são os

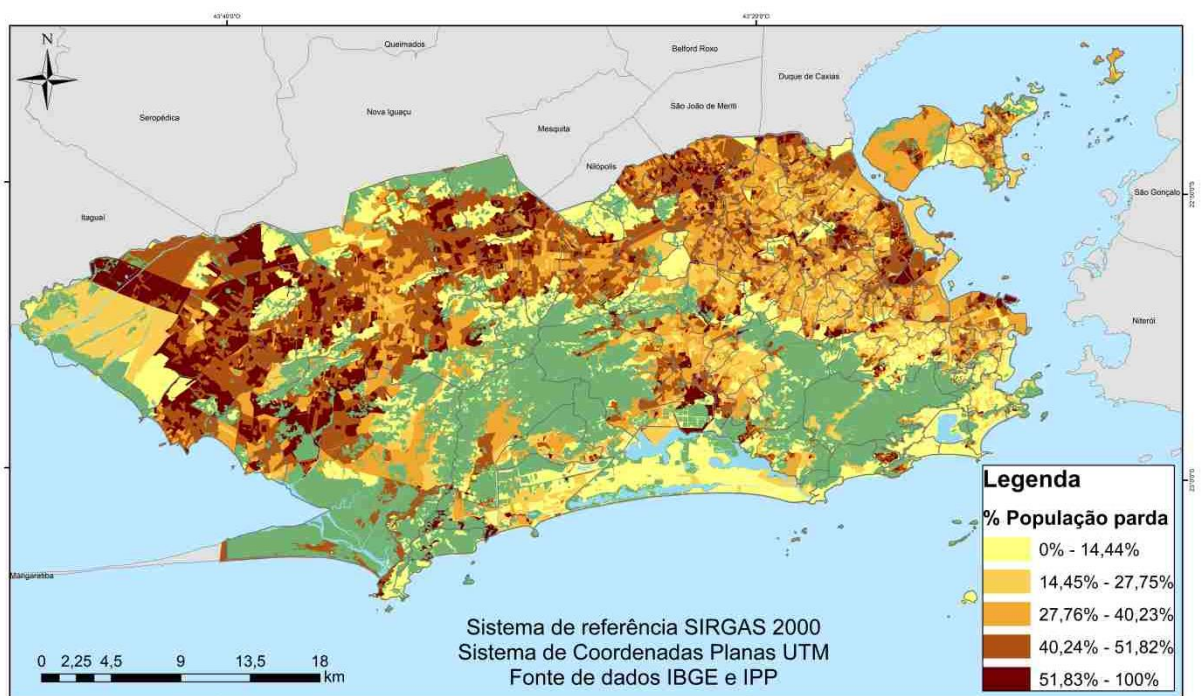
locais que apresentam maior proporção de domicílios com responsáveis que recebem mais de 10 salários-mínimos.

Figura 7 - Distribuição de pessoas que recebem mais de dez salários-mínimos por setor censitário no município do Rio de Janeiro em 2010.



Fonte: IBGE (2010).

Figura 8 - Distribuição de pardos por setor censitário no município do rio de Janeiro em 2010.

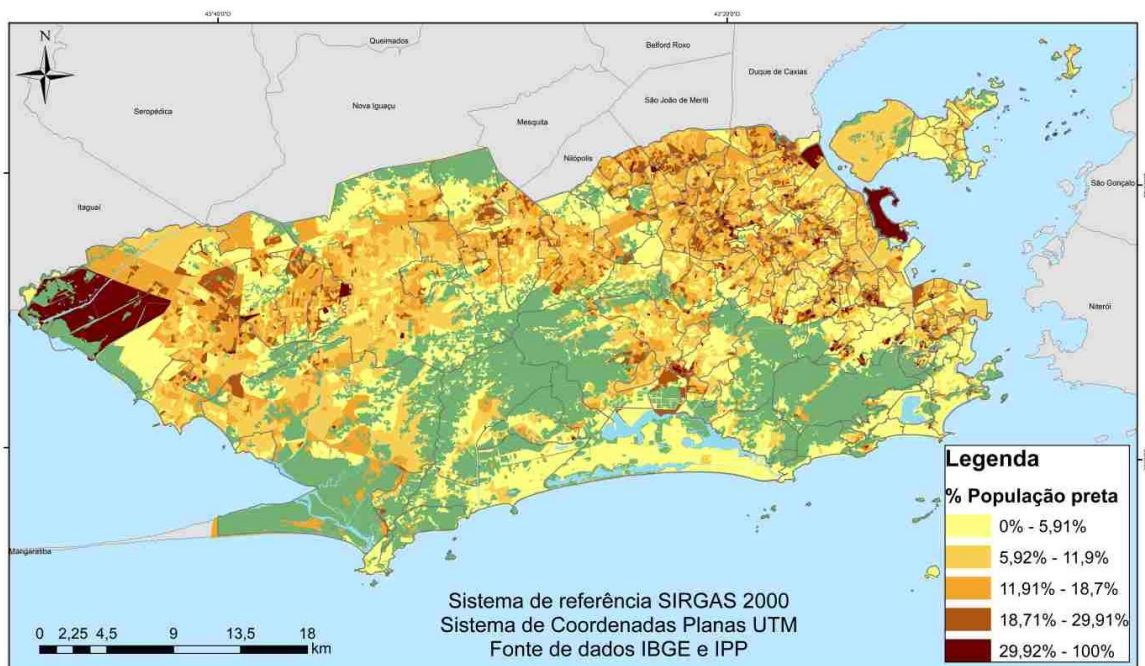


Fonte: IBGE (2010).

As pessoas que se autodeclararam pretas, em geral, não residem na orla do Rio de Janeiro. De acordo com a Figura 9 a proporção de indivíduos pretos nesta área da cidade é muito pequena. Estes indivíduos estão mais bem distribuídos pelas Zonas Norte e Oeste. No entanto, Paquetá, Vasco da Gama, Sampaio, Jacarezinho, Vaz Lobo, Vila Isabel, Jacarezinho, Vargem Grande, Tijuca, Engenho de Dentro, Santo Cristo, Tijuca e Andaraí são os bairros que contém setores com mais de 50% de pretos. Em contrapartida, Barra da Tijuca, Centro, Copacabana, Guaratiba, Itanhangá, Lagoa, Leblon e Recreio dos Bandeirantes contam com a existência de setores censitários com 0% de pretos. Santa Cruz foi o único bairro que apresentou dentro do seu território setores censitários com as duas características, desta forma indicando uma segregação intrabairro.

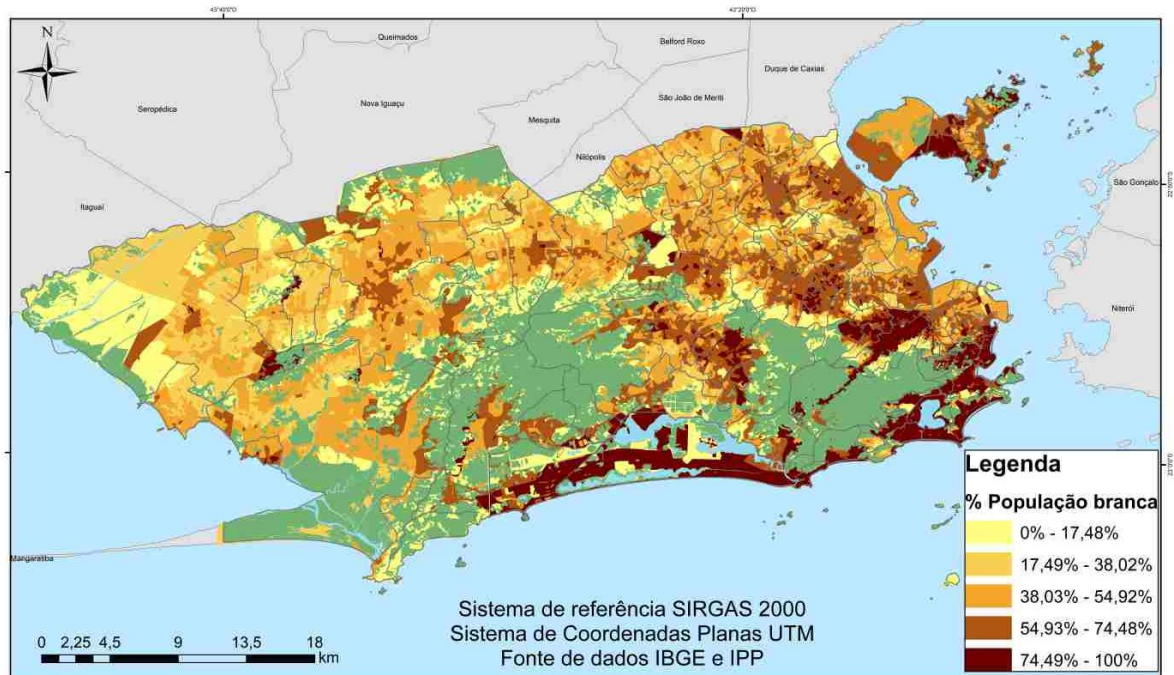
A Figura 10 indica que a Barra da Tijuca, Copacabana, Gávea, Ipanema, Lagoa, Leblon, Jardim Botânico são bairros que contém setores censitários com mais de 95% de brancos e também são os bairros com os responsáveis pelo domicílio com maiores rendimentos. Já Bangu, Cidade de Deus, Campo Grande, Engenho da Rainha, Freguesia (Jacarepaguá), Gericinó, Inhoaíba, Jacarezinho, Lins de Vasconcelos, Madureira, Mangueira, Vila Isabel, Tijuca e Santa Cruz exibem na sua composição territorial setores censitários com somente 15% de brancos. Muitos desses bairros também abrigam maior população de domicílios com menores rendimentos, como visto nas Figuras 2, 3 e 4.

Figura 9 - Distribuição da porcentagem de pretos por setor censitário no município do Rio de Janeiro em 2010.



Fonte: IBGE (2010).

Figura 10 - Distribuição da porcentagem de brancos por setor censitário no município do rio de Janeiro em 2010.



Fonte: IBGE (2010).

Lima (2012) aponta para a relação entre a desigualdade racial e a pobreza, que apesar de serem fenômenos distintos, são inter-relacionados, sendo a desigualdade racial geradora da segregação, desse modo, raça não é uma variável que por si só explique as condições de vida de uma população, mas sendo uma variável importante para compreensão da estrutura da sociedade.

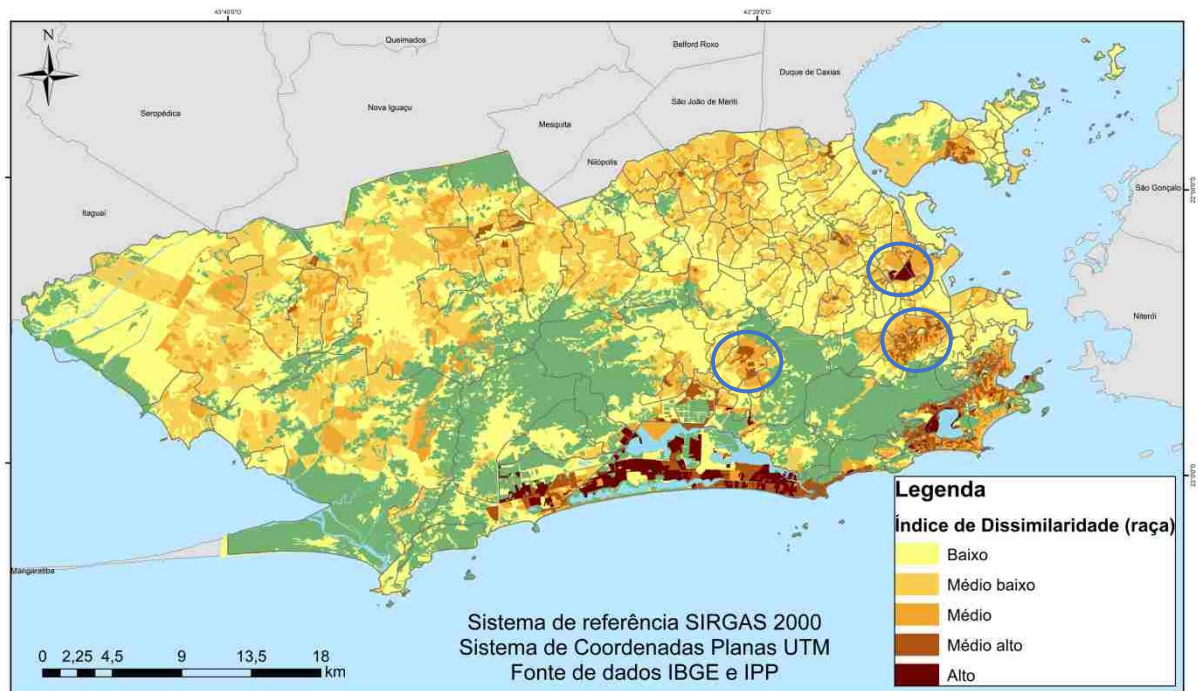
Silveira e Leão (2020) demonstram que existe uma diferença substancial na renda de negros e brancos no Brasil, sendo o grupo dos brancos são maioria entre os mais ricos e também nas profissões mais bem remuneradas. A cidade do Rio de Janeiro reproduz o padrão da população nacional.

Índices de Dissimilaridade

O Índice de Dissimilaridade para Raça foi construído a partir das categorias opostas, por isso foi usado no cálculo o somatório da população que se autodeclarou preto ou parda e a população que se autodeclarou branco. A Figura 11 mostra que em praticamente todos os pontos da cidade existem focos de homogeneidade e diversos “corredores” com a composição populacional mais heterogênea. Cabe ressaltar que os locais da cidade que apresentaram maiores valores do índice (maior mancha marrom escuro) são os mesmo que apresentam a

maior concentração de brancos, ou seja, a população branca pode ser considerada mais segregada por não conviver no mesmo espaço com as pessoas pretas. Isso ocorre no Manguinhos e Caju, em alguns bairros da região da Grande Tijuca (Tijuca, Maracanã, Vila Isabel e Andaraí) e bairros em dois bairros da região da Grande Jacarepaguá (Anil e Freguesia).

Figura 11 – Índice de Dissimilaridade Racial em 2010.

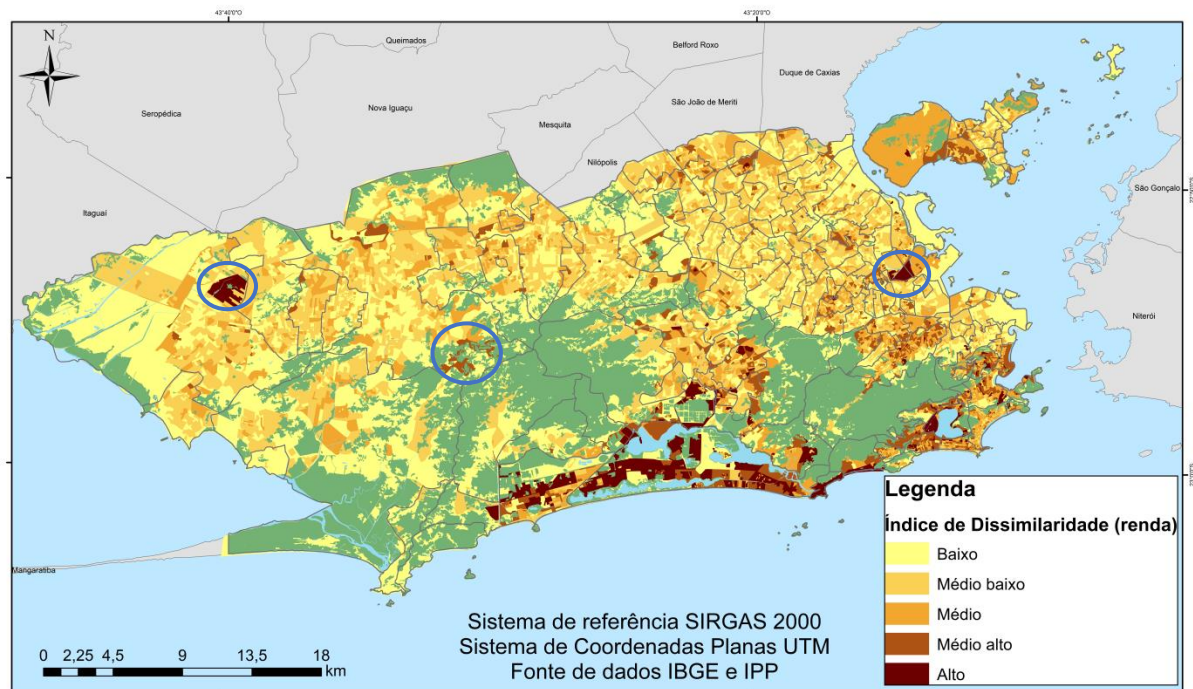


Fonte: IBGE (2010)

O Índice de Dissimilaridade confirma os achados na análise exploratória, que pessoas pretas não são maioria no Rio de Janeiro e não residem na orla. Elas estão mais espalhadas pelo território do que as pessoas brancas que se concentram em uma pequena parte da cidade com melhores condições infraestrutura e ofertas de serviços.

O Índice de Dissimilaridade para renda, foi construído com as categorias de rendimentos empregados na análise exploratória e, conforme visto na Figura 12, não apresenta grande variabilidade no Rio de Janeiro. Observa-se maior quantidade de setores censitários com Índice de Dissimilaridade médio e médio alto no que para o Índice de Dissimilaridade de raça. Também há pontos onde tem os maiores valores do índice e estes são os mesmos que concentram a população acima de 10 salários-mínimos, conforme apresentado na Figura 7.

Figura 12 - Índice de dissimilaridade de renda em 2010.



Fonte: IBGE (2010)

Na Ilha do Governador, o bairro Jardim Guanabara tem vários setores censitários com o Índice de Dissimilaridade médio alto, são locais fora da Zona Sul e Barra da Tijuca que concentram pessoas com rendimentos mais elevados convivendo pouco ou quase nada com pessoas mais pobres. Este mesmo fenômeno também ocorre nos bairros com os círculos azuis, Santa Cruz, Campo Grande e Manguinhos. No caso dos bairros descritos, há casos de moradores que ascendem socialmente e permanecem no seu bairro de origem, muitas vezes optando por mudar de rua ou localidade com melhores condições de infraestrutura. Esta é uma forma de manter os laços de convivência, estilo de vida e ciclo de amizade.

4. DISCUSSÃO

A Barra da Tijuca apresenta um padrão de organização do território e ocupação muito diferente dos bairros da Zona Sul, devido ao planejamento urbano implementado. Os condomínios fechados e as grandes avenidas marcam a paisagem e o estilo de vida da Barra da Tijuca (AGUEDA, 2020). Entretanto os condomínios fechados também existem em bairros da Zona Oeste, como Santa Cruz, Campo Grande e Bangu, cujos moradores mais ricos ali residem dividindo o mesmo bairro, sem conviver, com uma população mais pobre.

Diante deste achado da pesquisa, fica evidente que fora da Zona Sul e Barra da Tijuca, há heterogeneidade dentro dos bairros no padrão de segregação socioespacial, ou seja, existe setores com maioria da população mais rica próximo de setores com maioria da população mais pobre, ou que leva o indivíduo não só escolher seu bairro de moradia, mas também escolher em qual parte do bairro morar. Esse fenômeno também foi visto por Gonçalves et al. (2023) nos municípios do sul do Estado do Rio de Janeiro.

O padrão de crescimento para Zona Norte e Oeste impulsionado por políticas de remodelação do espaço urbano e remoções (LESSA, 2000; SEDREZ e MAIA, 2014), que empurravam a população mais pobre para esta região ou para as favelas, até hoje impacta no padrão de segregação socioespacial. Quem é mais pobre e preto tende a viver nos bairros da Zona Norte e Oeste e quanto mais distante do centro da cidade, piores são as condições de infraestrutura urbana (CARVALHO et al., 2019). Isso reflete nas condições de oportunidades dos indivíduos, impactando no padrão de segregação urbana, porque há maior dificuldade de acessar serviços de saúde de qualidade, escolas públicas, transporte coletivo, há maior dificuldade no acesso regular à água entre outros.

A segregação racial é acentuada no Rio de Janeiro, no entanto quem é mais segregado são as pessoas brancas através do fenômeno da autosegregação (CORREA, 1989) e da segregação voluntária (VILLAÇA, 1991), quando o indivíduo pode escolher onde se pretende viver na cidade. Como para Villaça (1991) a segregação socioespacial é um fenômeno dialético, se é voluntário para um grupo, necessariamente é involuntário para outros, possivelmente as pessoas pretas residentes no Rio de Janeiro não conseguem escolher onde morar, pois questões como desigualdade salarial e especulação imobiliária (SMOLKA, 1992) tende a limitar suas opções. Com isso, os achados da pesquisa vão ao encontro da proposta refeita por Sabatini (2006) para analisar a segregação socioespacial que deve ser empregada não só a variável cor/raça, que é a mais empregada nas pesquisas americanas, mas também usar a variável renda diante das desigualdades existentes os países latino-americanos. O próximo passo desta pesquisa consiste em aplicar a mesma metodologia para os dados do Censo Demográfico de 2022 e verificar as mudanças que ocorreram após 12 anos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade do Rio de Janeiro em 2010 se encontrava em um contexto de profunda segregação socioespacial. Os resultados apresentados apontam para a existência de

segregação racial e econômica. A análise exploratória aliado aos Índices de Dissimilaridades mostraram que em 2010 havia segregação socioespacial para renda e cor/raça no Rio de Janeiro e este fenômeno apresenta contornos bem delimitados.

Os bairros da Zona Sul e Barra da Tijuca são homogêneos em relação à renda e cor, pois o perfil de seus moradores é de um indivíduo branco com a renda do responsável pelo domicílio de mais de 10 salários-mínimos. Isso se traduz em alta segregação socioespacial das pessoas mais ricas e brancas em 2010 na cidade do Rio de Janeiro.

As populações mais pobres e negras apresentavam uma tendência a ocuparem de forma majoritária bairros como Bangu, Campo Grande, Cidade de Deus, Gericinó, Jacarepaguá, Jacarezinho, Lins de Vasconcelos, Penha, Rio Comprido, Santa Cruz, Senador Camará, Tijuca, Vigário Geral, Vila Isabel e Mangueira, localizados ao norte e oeste do município existindo uma tendência de segregação forçada para este grupo.

Concluindo, a cidade do Rio de Janeiro, como diversas cidades brasileiras, apresenta diferenças relevantes em relação à raça e renda, onde os habitantes têm características diversas dependendo do local onde reside e o nível de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUEDA, R. Construindo Infraestrutura para as Elites: Os Grandes Condomínios da Barra e um Novo Modelo de se Morar na Cidade. **Revista Antropológicas**, Ano 24, Volume 31(2), 2020.

CALDEIRA, T. **Cidade de Muros – crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000.

CARVALHO, C. L. E. S.; FRIDMAN, F.; STRAUCH, J. C. M. Desigualdade, escala e políticas públicas: uma análise espacial dos equipamentos públicos nas favelas cariocas. URBE. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 11, p. 1-12, 2019.

CORRÊA, R. L. et al. **O espaço urbano**. Ática, 1989.

DA SILVA OLIVEIRA, P. Remoções no Rio de Janeiro do Século XIX: E o Processo de Segregação Socioespacial. **Anais do XVI Simpósio Nacional de Geografia Urbana-XVI SIMPURB**, v. 1, p. 2279-2298, 2019.

DOS SANTOS, Maria Izabel et al. Urban income segregation and homicides: An analysis using Brazilian cities selected by the Sourball project. **SSM-Population Health**, v. 14, p. 100819, 2021.

DUNCAN, O. D.; DUNCAN, B. A methodological analysis of segregation indexes. **American Sociological Review**, n. 20, p. 210-217, 1955.

FEITOSA, F. F.; MONTEIRO, A. M. V.; CÂMARA, G. De Conceitos a Medidas Territoriais: A Construção de Índices Espaciais de Segregação Urbana. In: Almeida, C.; Câmara, G.; Monteiro, A.M.V. (Org.). **Geoinformação em Urbanismo: Cidade Real vs. Cidade Virtual**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007, p. 86-105.

FITZ, Paulo Roberto. **Cartografia básica**. Oficina de Textos, 2008.

FRANÇA, D. Segregação Residencial por Raça e Classe em Fortaleza, Salvador e São Paulo. **Caderno CRH (Online)**, v. 35, p. e022045, 2022.

GARCIA, A. dos S. Desigualdades raciais e segregação urbana contemporâneas: Salvador, cidade d'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum. **Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano, Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2006.

GONÇALVES, A. P. V.; STRAUCH, J. C. M.; RIBEIRO, C. A. C. Segregação Intramunicipal No Vale Do Paraíba Fluminense: Uma Ênfase Na Área Urbana De Resende, Barra Mansa E Volta Redonda. In: LIMA, R.J.C; MONTEIRO, F.M. (Org.). **Sul Fluminense: Laboratório do Capitalismo Brasileiro Contemporâneo**. 1ed. Rio de Janeiro: Appris, 2023, v. 1, p. 101-115.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

LESSA, C. **O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de autoestima**. Editora Record, 2001.

LIMA, M. “Raça” e pobreza em contextos metropolitanos. **Tempo Soc.** 2012;24(2):234-54.

MARQUES, E.; FRANÇA, D. S. N. Segregation by class and race in Sao Paulo. In: Mustard, Sako. (Org.). **Handbook of Urban Segregation**. 1ed.London: Edward Elgar Publishing, 2020, v. , p. 36-.

MASSEY, D. S.; DENTON, N. A. The dimensions of residential segregation. **Social forces**, v. 67, n. 2, p. 281-315, 1988.

OBERTI, M; PRÉTECEILLE, E. **La ségrégation urbano**. La Découverte, coll. Repères, sociologie. Paris, 2016, 128 p.

RIBEIRO, E.; SOARES, L. E.; KRENZINGER, M.. Tipos de governança criminal: Estudo comparativo a partir dos casos da Maré. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 15, n. spe4, p. 559–588, 2022.

SABATINI, F. La segregación social del espacio en las ciudades de América Latina. Santiago de Chile: **Banco Interamericano de Desarrollo**, 2006.

SANTOS, M. **Manual de Geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SEDREZ, L; MAIA, A. C. N. Enchentes que destroem, enchentes que constroem: natureza e memória da Cidade de Deus nas chuvas de 1966 e 1967. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 8, p. 183-199, 2014.

SILVEIRA, L.S; LEÃO, N.S. O impacto da segregação ocupacional por gênero e raça na desigualdade de renda no Brasil em três décadas (1986-2015). **Revista Latinoamericana de Población**, v. 14, n. 27, p. 41-76, 2020.

SMOLKA, M. O. **Expulsando os pobres e redistribuindo os ricos: "dinâmica imobiliária" e segregação residencial na cidade do Rio de Janeiro**. Revista Brasileira de Estudos de População, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 3–21, 1992. Disponível em: <https://rebep.org.br/revista/article/view/511>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SOUSA FILHO, J. F. de et al. Racial and economic segregation in Brazil: a nationwide analysis of socioeconomic and socio-spatial inequalities. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 40, p. e0247, 2023.

TELLES, E. Residential segregation by skin color in Brazil. **American Sociological Review**, v. 57, n. 2, pp. 186-197, 1992.

VILLAÇA, F. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1991.